

# São Marcello, forte esquecido...

## Onde tremulou a primeira bandeira da Independência

O seu brilhante passado — Uma visita evocativa — Canhões que silenciaram — Abrigando os heróis da "Sabinada" — Nos dias de Bento Gonçalves — Nas lutas hollandesas — Um mastro onde, não se contemplam bandeiras — O pharol que se apagou — Na manhã de Dois de Julho de 1822 — A revolta dos patriotas de S. Félix — A última missão — Relógio Infallível — Reminiscências que se sucedem — O abandono de hoje — Ouvindo suas amiguinhas — Palestrando com o antigo remador — Os coqueiros farfalhantes... — "Quero desaparecer com o forte"

Manhã limpa de Junho...  
Sól magnífico! Nas águas calmas da "Bahia de Todos os Santos" espalha-se um céu de anil. O pequeno motor ronca freneticamente. E a canção rythmada da machina. A canção corta veloz as águas. Des-cortina-se o mar livre, imenso, pontilhado de brancas véas que parecem ao longe longas asas de passatéis. Um marítimo azul bote que passa, suspira uma canção. Vida no mar. Vida triste. A vida romântica da viagem. O mar e o céu confundidos. A saudade e o homem vagarosamente nos afastamos da

ção do commandante do forte, de expulsão do serviço do exercito e de des anos de prisão para o com-mandante do destacamento. Anos depois, quem sabe nestes mesmos cubículos, estiveram detidos Fran-cisco Sobrinho Alvares da Rocha Vieira e todos os implicados da insurreiçao "Sabinada". Interrumpem as nossas recordações gritos alacres de crianças. São os netinhos do velho Nino nascidos e que se vão criando aqui mesmo.

**CANHÕES QUE SILENCIARAM...**  
Por uma noite de alvenaria sal-timngios e de suspiros das mu-

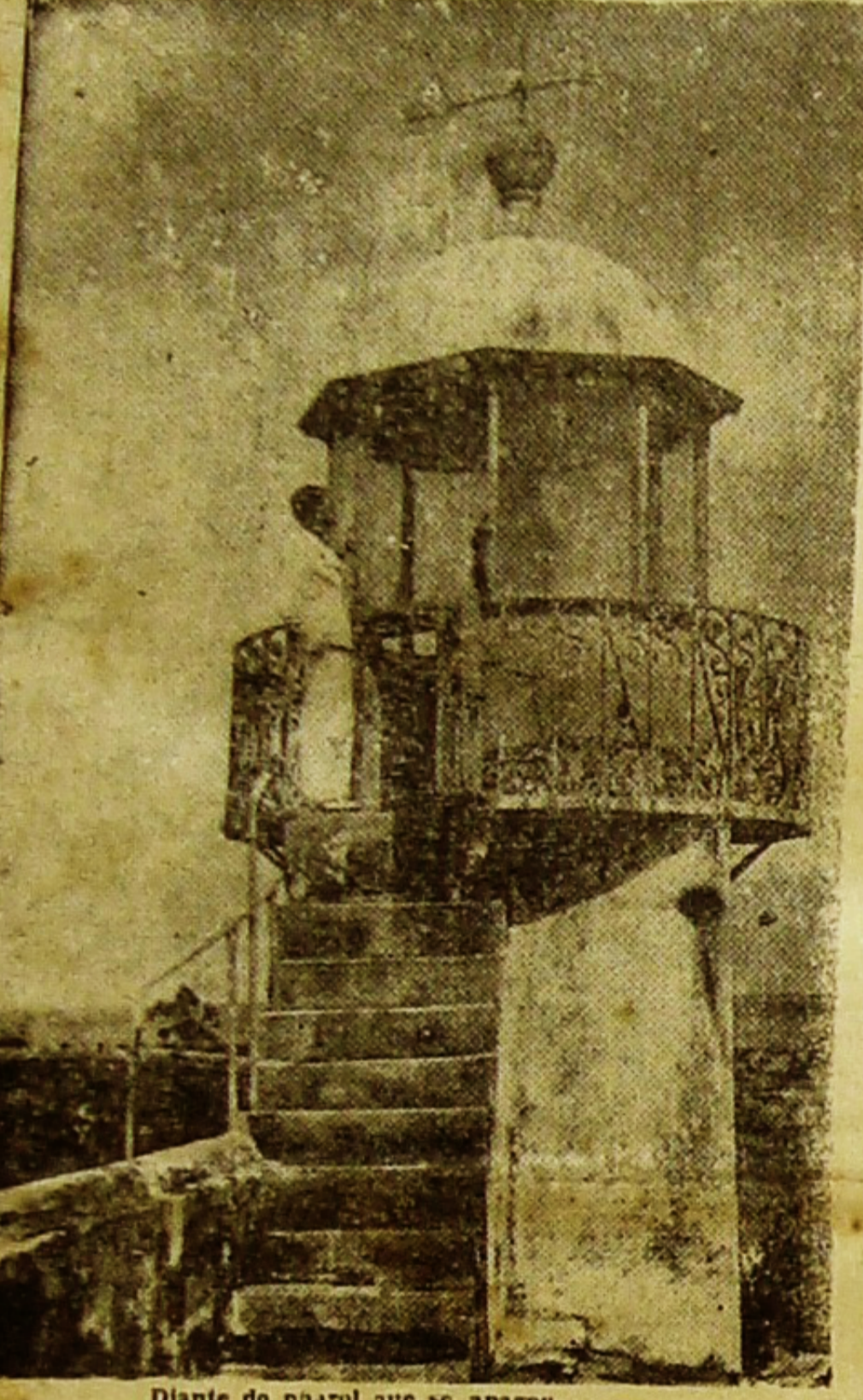
lheras, transformou-se em um abrigo para naufragos. Inesti-maveis serviços prestou a esse mis-ter.  
Bocorreu numerosas victimas de naufragos.  
No passado, abrigou indesejaveis da terra, annos depois, soccorris naufragos do mar.  
Paradoxos do destino...  
**RELOGIO TRADICIONAL QUE NAO SE OUVI**  
Ha annos passados, ás cinco ho-ras da manhã, e ás oito da noite na época de inverno, ecoava por to-da a cidade um disparo.  
Era do "Forte São Marcello".  
Nos meses de verão, havia uma alteração: o signal ouvia-se ás qua-tro da manhã e ás nove da noite.  
Toda cidade naquellas horas ou-via o ribombo infallível. Os relo-

gios por elle se guiavam. Quatro colloquios não interrompi o tiro do forte?  
Quantas palestras não terminaram ao soar o canhão?  
Numerosas anclãs ainda delle lembram-se saudosas. "Naquelle tempo, menino não permancia na rua, depois do disparo do forte", diz-nos o bom Nino.  
E, com que saudades não evoca os ribombos desta fortaleza!  
— Os tempos novos tudo aca-baram". Queixa-se o nosso gaul.  
Mais uma tradição que destroe a civilização irreverente!...

te, um sargento, dois tambores e oito soldados".  
Sobre a sua eficiencia diz-nos o commandante Cunha Mendes.  
— "O Forte de S. Marcello não é como muitos affirmam uma inutilidade. Está situado numa optima posição estratégica.  
As muralhas pela sua espessura resistem aos tiros de artilharia de medio calibre.  
Pode e deve ser aproveitada, tam-bem, na defesa dos campos minados e contra submarinos."  
**NOUTRAS DEPENDENCIAS**  
O nosso "cicerone" leva-nos a co-nhecer os antigos depósitos de pólvora. São verdadeiras cavernas ca-vadas na alvenaria. Escuras como

(Copyright do "Estado da Bahia") — Julival REBOUÇAS

BOAS PALESTRAS  
Já de regresso, ouvimos gentis re-miniscências.  
Estranhámos com a vivacidade dos seus espiritos alegres e esportivos, aqui, permanecerem. Aproximamos-nos. Um sorriso espontaneo nos recebe. Perguntamos-lhe como lhes corre a vida aqui.  
— "Divertida. Passamos semanas e mais semanas aqui, talvez consi-deramos os dias mais felizes da nossa existencia.  
Tão longe do borborinho da ci-da-de, ouvindo-se somente, o rumor do mar, somos felizes.  
Aqui, devoramos romances e mais romances. De quando em quando, passamos horas, pecamos. Nas noites de luar, então é um encan-



Diante do pharol que se apagou...

cidade. O porto tem o seu movimen-to costumeiro. O nosso companheiro de travessia, o photographo canta também. Rimas da serena de um signal nos avisa a aproximação do local que destinamos.

### NO LEGENDARIO FORTE

Forte S. Marcello! As ondas beijam voluptuosamente as muralhas. Somos as escadas. Crianças sus-tentam compridos anzós. Peçam descuradamente. A figura de um ancão surge. E o velho Nino An-dré de Jesus. O antigo remador e o nosso guia naquelle local impre-gnado de gloriosas tradições. Os vultos que no passado, por aqui, an-daram parecem erguidos ante nossa presença. No portão estancamos. Uma velha placa desperta a nossa curiosidade aguçada.  
Procuramos decifrá-la. Em Latin-lemos:  
"Vasques Fernandes Cesar Meneses, Vize-Rei, suscipiente de to-lo Brazil, no anno de 1728, do nas-cimento de Christo, edificou esta fortaleza."  
Demos logo, pelo equivoco,  
O "Forte de S. Marcello", pri-mitivamente, chamado "Forte San-ta Maria del Populo" e "Forte do Mar", foi construido de 1623 a 1630, pelo governador Diogo de Men-donça Puriado. Sofreu posterior-mente varias reformas. Nasce me-mo: que tras.  
Em 1650, pelo Conde de Castello Melhor. Em 1728, pelo Vize Rei do Brasil, D. Vasco Fernandes Ce-sar Meneses (Conde de Sabugoja). Justamente a reconstrução que se refere a lapide fixada no portão de entrada. Finalmente, em 1811, pelo Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Britto, que estere o guar-neceu com 48 canhões.

reilhas. Canhões destruidos espa-lham-se pela relva que visposamen-te brota. De lá, do alto, descorrimos toda a bahia resplandecente. Ex-tendidos nos recordamos das lutas contra os hollandeses, nas quaes esteve envolvido este forte. Corria o anno de 1624...

### ONDE BANDEIRAS NAO MAIS TREMULAM

Ha, agora, um novo membro na escavana. E "Duque" polta, que saltitando ladra estranhando os vi-sitantes. Estamos diante do mastro do forte, onde não mais destraldam flamulas. Nelle, quantas bandeiras não tremularam em instantes his-tóricos?  
Era no Dois de Julho de 1822.  
Este forte envolto em fina ne-belina, está ainda adormecido. Em sua direção vem cortando aguas uma embarcação e nella, a frente, um marinheiro.  
E' João Botas!  
Surpreende a guarnição.  
Apeça-se dos canhões.  
Com as honras do estylo, hasteia-se na manhã historica, o attribolo de nossa independência. Aos ventos br-avaço activo, o pavilhão suri rende. Quebram o silencio do mar as sal-vas de canhão e os toques de cla-rim.  
Mais tarde neste mesmo mastro tremulou outra bandeira.  
Era em 1832. Na freguezia de S. Felix revoltam-se dezenas de pa-triotas. Lançam uma proclamação.  
— "As instituições vigentes arru-dam o país."  
Sacrificam as proprias vidas pelo ideal que abraçam. Holocausto su-blime. Não tardam as providencias das autoridades.  
As aguas tranquillas do Para-guassu, não o palco de este especta-culo dramático. Os patriotas batem-se como heróis. O campo espalha-se na superfície. Os ventos não resistem. Em breve o combate en-carnado. Heróis anónimos des-carregam na voragem da metra-llaria.  
Desenas de prisioneiros.  
Transportados para a Capital são encarcerados nesta fortaleza. A vida aqui, logo transmuda-se.  
Estão refletidas as cellas. Os an-tes não se acalmam. Oprimam

### NO INTERIOR DA VELHA FORTALEZA

Seguidos do nosso "cicerone" in-gressamos no forte.  
Paredões revestidos de limo acru-ar. Chegamos ao interior.  
Necessitamos de uma permissão para realisação do nosso intuito. O tenente Aloyzio Candido Lima não se encontra. Foi a cidade. Não ex-citamos.  
Solicitamos ao velho Nino, nos apresentar a familia do militar. Delicada nos atende, uma senhora. Participamos-lhe o nosso desejo, e gentilmente nos cumpri: a mis-são de que a temos incumbido.  
Mostra-nos Nino, as antigas pri-sões. Evocamos logo, o passado.  
Quem sabe se não foi aqui a cella que desfontamos, que esteve detida em 1837 o heros de Farroutilha, Bento Gonçalves?  
E della, na memoravel manhã de 16 de Dezembro, daquelle anno, a névo, fuzo subitamente! Re-splandecendo de sua foga, a condemna-

ção do commandante do forte, de expulsão do serviço do exercito e de des anos de prisão para o com-mandante do destacamento. Anos depois, quem sabe nestes mesmos cubículos, estiveram detidos Fran-cisco Sobrinho Alvares da Rocha Vieira e todos os implicados da insurreiçao "Sabinada". Interrumpem as nossas recordações gritos alacres de crianças. São os netinhos do velho Nino nascidos e que se vão criando aqui mesmo.

### OS ULTIMOS SERVICOS

Caminhando para o esquecimento, prestou o forte os seus ultimos ser-vicos. Incumbiu-se até bem poucos annos, da fiscalizaçao do porto.  
Para terra, em combinação com o

Uma esquadra occupa as nossas aguas.  
E' a armada hollandesa sob o commando de Willekens.  
Quatorze lanchas, trazendo cento e oitenta marinheiros sob as ordens de Pieter Hein se dirige para o "Forte do Mar".  
A luta será titanica!  
Quinhentos homens guarnecem a fortaleza.  
Ouvem-se as disparos. A superio-ridade das armas inimigas é evi-dente. Os bñtavs fazem dos com-panheiros escadas e assim, repam las muralhas. O forte não resiste.

Os hollandeses delle se apoderam, lançando ao mar, toda guarnição.  
Muitos salvam-se, nadando para terra. Estes canhões, em mudez si-gnificativa, segredam todos estes factos. Parecem enferrujados pelo constante plio dos seculos.

Uma esquadra occupa as nossas aguas.  
E' a armada hollandesa sob o commando de Willekens.  
Quatorze lanchas, trazendo cento e oitenta marinheiros sob as ordens de Pieter Hein se dirige para o "Forte do Mar".  
A luta será titanica!  
Quinhentos homens guarnecem a fortaleza.  
Ouvem-se as disparos. A superio-ridade das armas inimigas é evi-dente. Os bñtavs fazem dos com-panheiros escadas e assim, repam las muralhas. O forte não resiste.

Uma esquadra occupa as nossas aguas.  
E' a armada hollandesa sob o commando de Willekens.  
Quatorze lanchas, trazendo cento e oitenta marinheiros sob as ordens de Pieter Hein se dirige para o "Forte do Mar".  
A luta será titanica!  
Quinhentos homens guarnecem a fortaleza.  
Ouvem-se as disparos. A superio-ridade das armas inimigas é evi-dente. Os bñtavs fazem dos com-panheiros escadas e assim, repam las muralhas. O forte não resiste.

Uma esquadra occupa as nossas aguas.  
E' a armada hollandesa sob o commando de Willekens.  
Quatorze lanchas, trazendo cento e oitenta marinheiros sob as ordens de Pieter Hein se dirige para o "Forte do Mar".  
A luta será titanica!  
Quinhentos homens guarnecem a fortaleza.  
Ouvem-se as disparos. A superio-ridade das armas inimigas é evi-dente. Os bñtavs fazem dos com-panheiros escadas e assim, repam las muralhas. O forte não resiste.

Uma esquadra occupa as nossas aguas.  
E' a armada hollandesa sob o commando de Willekens.  
Quatorze lanchas, trazendo cento e oitenta marinheiros sob as ordens de Pieter Hein se dirige para o "Forte do Mar".  
A luta será titanica!  
Quinhentos homens guarnecem a fortaleza.  
Ouvem-se as disparos. A superio-ridade das armas inimigas é evi-dente. Os bñtavs fazem dos com-panheiros escadas e assim, repam las muralhas. O forte não resiste.

Uma esquadra occupa as nossas aguas.  
E' a armada hollandesa sob o commando de Willekens.  
Quatorze lanchas, trazendo cento e oitenta marinheiros sob as ordens de Pieter Hein se dirige para o "Forte do Mar".  
A luta será titanica!  
Quinhentos homens guarnecem a fortaleza.  
Ouvem-se as disparos. A superio-ridade das armas inimigas é evi-dente. Os bñtavs fazem dos com-panheiros escadas e assim, repam las muralhas. O forte não resiste.

### O ULTIMO DRAMA

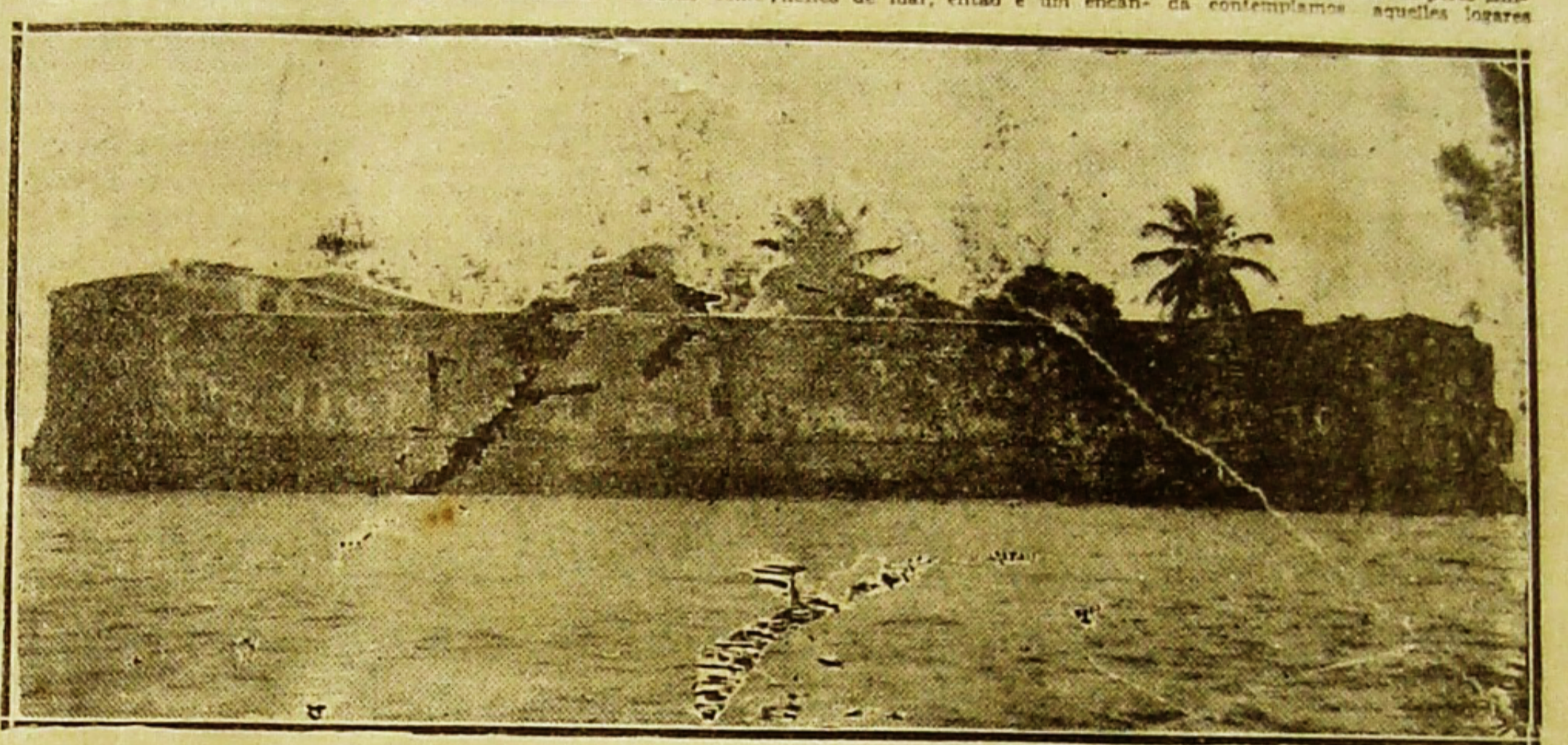
Ainda diante dos velhos canhões, recordamos o bombardeio de 1912.  
O ultimo drama aqui descrevi-do.  
Os acontecimentos da época vão reflectir na vida tranquilla deste forte.  
Uma sinistra idéa traz A bahia, a fortaleza esquecida.  
O sol esbate-se em chelo nas ver-lhas muralhas. Uma vibração leve arrepia as folhagens farfalhantes dos coqueiros.  
Ha um movimento estranho.  
Um dos canhões soffre limpeza.  
Montam carretas. Movem peças. Preparam a pólvora.  
E' o bombardeio da cidade que se projecta.  
São 13 horas.  
De bocca voltada para a cidade um canhão atira granadas.  
Consuma-se a ultima missão do velho forte.  
E' o ultimo drama que elle as-siste. Baixou-se para sempre o pabel...

### UM PHAROL QUE SE APAGOU

Dominando toda muralha levanta-se um pharol. Ha muito que aqui, não se vislumbra a luz ver-melha dos tempos passados.  
Construido em Outubro de 1855, sua luz na immensidade das trevas era avistada a sete kilometros.  
Victima do abandono contagioso aqui, vive, orgulhoso, como qe guar-dando toda fortaleza.  
Hoje, tem uma romantica missão. Lá, no topo, existe um rubro de sabiá. Com a nossa aproximação es-cavacam. Os passaros. E' assim, a lição do tempo.  
A poesia do passado, raiando dulcissimos idyllos atraz, hoje, um feliz casal de sabiá...

### OS ULTIMOS SERVICOS

Caminhando para o esquecimento, prestou o forte os seus ultimos ser-vicos. Incumbiu-se até bem poucos annos, da fiscalizaçao do porto.  
Para terra, em combinação com o



O historico "Forte de S. Marcello", numa photographia actual

breu. O nosso photographo asom-bra-se. Recrea que de lá do fundo surgam fantasmas.  
As nossas palavras ecoam lá dentro da carcaça de pedra.  
Dahi, por outra escada, chegamos á cisterna do forte.  
Uma enorme superficie circular, destina-se a amparar as aguas das chuvas.  
Lá, em baixo, na superficie das aguas estampam-se as nossas phy-sionomias. A altura que nos separa é de mais ou menos, quinze me-tros.  
Esta agua hoje, é utilizada para os misteres caseiros.  
Dahi percorremos o banheiro da fortaleza. O seu formato, e ainda primitivo. Os pingos can'tantes de

to. Não se descreve, a magnificen-cia da lua esquiando-se nos agros salientes do mar.  
Levamos uma vida parastidica."

### FALA O ANTIGO REMADOR

Já na ponte, ouvimos o bom va-lho Nino André de Jesus, que vive no forte desde o anno de 1835. Com

que nos levavam a suggestões epi-cas e á imaginação do preterito. As muralhas decoradas pelo pinel dos seculos, parecem as nossas vil-tas armarem o palco onde se des-enrolam as scenas do memoravel drama do passado.  
As ondas beijando as velhas pe-dreiras assemelham-se ao rogar das longas asas da gloria, naquelle reli-cario esplendente do passado...

## NA CAMPANHA ANTI-TUBERCULOSA

### Palavras do prof Agripino Barbosa, ao microphone

"Nestes ultimos tempos, em maternidade, constitue uma ca-deia maravilhosa cujos áos ca-rem de estar bem articulados, em prol da humanidade que soffre, em prol deste abençoado Brasil, desta terra mirifica, plena de glorias assim na paz como na guerra, lorrão venerando de nossos maiores, berço amavel de nossos filhos, quinhão maior com que a munificencia divina nos premiou.  
Incorporemo-nos, póe, a esta pleiade de fortes, que tudo quer fazer para mitigar as dores phy-sicas e moraes dos nossos des-venturados irmãos, e, despe-nhando as urzes que porventura appareçam no caminho acciden-tado que vamos palmitar, abra-mos sem tiblicas, como bander-lantes do bem, confiantes na vic-toria, que nos sorri, e nas ben-ções sem conta que cairão dos céus sobre nossas cabeças.  
Avante, pois. Maldito aquele que recuar."

Receberá, amanhã, a Com-missão de Justiça o pare-cer do sr. Arthur Santos

RIO, 1.º (Meridional) — A com-missão de Justiça reunir-se-á aman-hã para receber das mãos do sr. Arthur Santos os papéis referentes a prisão dos parlamentares. A re-união de hoje foi adiada porque varios membros se encontravam reunidos com suas bancadas.

### "QUESTÃO ABERTA" PARA OS GAUCHOS

Votarão com plena liberda-de no caso dos parlamen-tares

RIO, 1.º (Meridional) — O depu-tado João Carlos Machado rece-beu um telegramma do general Flores da Cunha declarando ser "questão aberta" para os gauchos a votação do pedido de licença para convocar os parlamentares pe-tidos.

Receberá, amanhã, a Com-missão de Justiça o pare-cer do sr. Arthur Santos

RIO, 1.º (Meridional) — A com-missão de Justiça reunir-se-á aman-hã para receber das mãos do sr. Arthur Santos os papéis referentes a prisão dos parlamentares. A re-união de hoje foi adiada porque varios membros se encontravam reunidos com suas bancadas.

Receberá, amanhã, a Com-missão de Justiça o pare-cer do sr. Arthur Santos

O jornalista visitante examina os canhões que figuraram em historicos instantes. O velho Nino mostra-nos os velhos canhões. "Duque" está ao lado

As suas muralhas medem dose metros de altura por quinze de com-pimento.  
Na noticia geral desta capitania ha sobre elle, transmitida por Jose Antonio Caldas, em 1759:  
— "O forte possui: oito canhões de varios calibres, nove calibres de calibre variado, dez morteiros etc.  
Defende toda marinha com tiros horizontaes. A sua guarnição compõe-se de um capitão commandan-

agua, salpicam as nossas roupas.  
Dis-nos, Nino:  
— "Todas as madrugadas, banho-mo aqui.  
Não perco o costume dos tempos de moço.  
Faça frio ou calor, calo ás cinco da manhã todos os santos dias, raga fria. Despendem-me os nervos, fica bem disposto. Devo aos tri-bunos frios, o encanto de minha saude."

Receberá, amanhã, a Com-missão de Justiça o pare-cer do sr. Arthur Santos

RIO, 1.º (Meridional) — O depu-tado João Carlos Machado rece-beu um telegramma do general Flores da Cunha declarando ser "questão aberta" para os gauchos a votação do pedido de licença para convocar os parlamentares pe-tidos.